

Oito mãos (coligidas) e o "Sentimento do Mundo"...

A Revista Rebento - 13, no Dossiê *Aquele que diz sim, aquele que diz não: experiências docentes com o Ensino Remoto e a Educação à Distância em Artes*, tomou a dialética contida na obra “Aquele que Diz Sim; Aquele que Diz Não”, de Bertolt Brecht, para pensar o ensino em tempos pandêmicos. Em razão de se caracterizar em momento absolutamente desagregador, no qual todas as experiências humanas tiveram de ser apartadas, higienizadas, distanciadas, ressignificadas... as trocas pedagógicas tiveram, também, de ser revistas. A presença (compreendendo o dialogismo e a escuta), como o fundamento - até então essencial das trocas pedagógicas -, passou a ser mediada por equipamento viabilizador de uma nova espécie de realidade. As telas de equipamentos eletrônicos, de diferentes tamanhos, capturadas e socializadas em proposição de mosaico (“vemos” a nós mesmos no mesmo espaço de outros/outras pessoas), de certo modo, metonimizaram o real. “O é da coisa” - referindo-se à essência/essencialidade de algo - como escreveu Clarice Lispector, ressignifica-se em outra dimensão: as pessoas em tela, nos encontros aproximantes, não são reais: são imagens de distintos seres, em diferentes locais, aparecendo em tela a partir de um novo estado de presença, então virtual. Nas telas, assim como nas salas de aula (do passado?!) tem-se o alinhamento de “personícones”.

Ridley Scott, em 1982, a partir de roteiro de Hampton Fancher e David Peoples, criou o antológico *Blade Runner*. Na obra havia a convivência “real” entre humanos e replicantes: idênticos na aparência, mas “máquinas” diferenciadas. Portanto, talvez a partir daquela realidade, humanos tenham se transformado, nos novos tempos, em figuras replicantes, tendo em vista as novas relações... Algumas, voltando ao tema da nova Rebento, dizendo sim às possibilidades da virtualidade, e outras (poucas, em relação aos textos coligidos na revista) dizendo não à contingência.

De qualquer modo, as experiências aqui relatadas caracterizam-se em estratégias táticas possíveis quanto ao enfrentamento decorrente de as presenças não poderem concretizar-se em relação. Talvez, daqui a algum tempo se possa referir-se a antes e pós 2020... Atendendo ao edital de chamamento à esta publicação, cujo dossiê concerne às possibilidades de relação pedagógicas vivenciadas, a mostra aqui apresentada, também na condição de alegoria ao tempo presente e às relações pedagógicas, relatam (refletindo ou refratando) tanto o presente e, talvez - de modos diferenciados - antecipam-se quanto ao futuro.

Estamos em dezembro de 2020! De diversos modos, sabemos não estar no começo da epidemia; pelas novas vacinas, podemos imaginar que passamos, também, do meio dela. Imaginamo-nos no final... entretanto, não é possível ter certeza. Revista com reflexões em tempos de incerteza, tematizando assunto fundamental... Não sabemos o que poderá acontecer quanto à natureza pedagógica.

Os recursos tecnológicos viabilizaram um imenso “buraco”. Estratégias tático-pedagógicas, metodologias ativas e ambientes interativos têm apoiado a somatória da comunicação não-presencial ao ensino-aprendizado de hoje, num contexto de debates, adesões, encontros e invenções, assim como de contrariedades, imediatismos, precarização, exclusão digital e desigualdades, que dizem respeito à função social e ao “valor” da educação em artes.

A edição aqui realizada busca constituir uma produção em episódios, em que a dimensão contraditória da questão seja trazida ao exame público, por meio da escuta de vozes diferenciadas, conclamando seu direito às experiências de ensino-aprendizado. A *Rebento 13* reúne muito mais do que textos relatando experiências. Diversas formas narrativas mostram parte de estratégias: relatos de aulas, registros audiovisuais (de atividades docentes ou processos criativos derivados de aulas), entrevistas, manifestos, traduções e narrativas de processos. Materiais que divulgam os impasses do presente momento na História da humanidade.

Abrindo o Dossiê, o tríptico **Apontamentos quanto aos Procedimentos Desenvolvidos em Aula “Mediada” por meio de procedi(enquadra)mento virtual...; Travessias do aprendizado e Manifesto poliédrico-estético-político afetivo por um coro de corpos distantes** corresponde a uma interessante experiência de atravessamento, intensamente vivida por docentes e estudantes da matéria Seminário de Pesquisa I, no Instituto de Artes da Unesp, no primeiro semestre de 2020. Os resultados coligem reflexões desenvolvidas em epistemologia praxica, no texto de autoria de Alexandre Mate; apontamentos sobre metodologias utilizadas, bibliografias e materiais pesquisados, no artigo assinado por Simone Carleto, e registros sobre impressões ao “final” do processo, na forma de texto-manifesto em perspectiva colaborativa, de autoria de Carol Rocha Ewaci, Carolina Angrisani, Dafne Michellepis, Diego Cardoso, Gabriela Flores, Haylla Rissi, Jaoa de Mello, João Pedro Ribeiro, Luciana Marcon, Rafael Percino e Sofia Botelho.

A seguir, no artigo **Em Busca do Corpo Perdido: o Ensino das Artes Diante do Paradoxo Pandêmico**, José Manuel Lázaro Ortecho apresenta diferentes experiências de ensino de teatro durante a pandemia em instituições Latino americanas, utilizando-se de apontamentos de docentes e dirigentes das escolas Universidad Científica del Sur (em Lima, Peru), da Universidade de Buenos Aires – UBA (em Buenos Aires, Argentina), Universidad de Playa Ancha - UPLA (em Valparaíso, Chile), Facultad de Artes Escénicas - FARES, da Pontificia Universidad Católica del Perú (em Lima, Peru), Universidad Nacional de las Artes - UNA (em Buenos Aires, Argentina) e Facultad de Artes - Universidad de Chile (em Santiago, Chile). O autor observa o fenômeno do “teatro remoto” no ensino acadêmico, a partir dos termos tecnovívio e convívio, do crítico argentino Jorge Dubatti. Em complemento, Nerina Raquel Dip e Máximo José Gómez, em **De la contención a la creación: experiencia artístico-pedagógica en pandemia**, descrevem em pormenores sua relação pedagógico-criativa com estudantes na disciplina Técnicas de Atuação III, do curso de Licenciatura em Teatro, na Universidad Nacional de Tucumán (Argentina). A e o docente desdobram etapas de seu trabalho em torno de trechos de monólogos

da dramaturgia “universal”, como forma de reinventar objetivos e conteúdos do componente curricular e estabelecer algum horizonte poético, apesar das dificuldades socioeconômicas evidenciadas pelo ensino de teatro via plataformas digitais. O texto recebe tradução de Simone Carleto, com o título Da contenção à criação: experiência artístico-pedagógica em pandemia.

Tratando da realidade nacional, em **Ensino, flexibilização e resiliência: reflexões sobre docência em tempos de pandemia**, Glaucia Davino, Isabel Orestes Silveira e Pelópidas Cypriano de Oliveira discutem o ensino remoto em artes visuais e mídias digitais, explorando diferentes ferramentas para a análise dos dilemas propostos no texto “Aquele que diz sim”/ “Aquele que diz não”, de Brecht: a análise literária e a recriação do texto por meio de manipulação tecnológica dos algoritmos estabelecem diálogos com o presente contexto da vivência social docente-discente. O jogo entre costume e resiliência é o tema de fundo do texto, que explora o sentido de “estar de acordo”. Um novo trio de docentes, Flávio Vieira de Melo, João Armando Fabbro e Thiago de Castro Leite, em **O que estamos fazendo? Ensaio sobre a Virtualidade dos Espaços, Relações e Sujeitos em Aulas Remotas de Teatro**, problematiza os resultados de suas aulas de teatro pela internet, em instituições de ensino no interior de São Paulo. Em um texto híbrido, que funde dramaturgia e ensaio, as três vozes aproximam-se, colidem e afastam-se, espelhando as indagações e esforços vivenciados nos dois semestres letivos, na busca por “conexão” nas aulas de teatro.

A seguir, dois estudos de caso exploram a experiência pedagógica remota em aulas que envolvem o corpo no espaço. Luaa Gabanini, em **Imunidade Criativa: do Outro Lado da Tela Tem Coração. Ensino Remoto em Tempos de Pandemia. Escritas de um Tempo/2020 - Brasil**, comenta as invenções pedagógicas e estratégias criativas em aulas de Expressão Corporal realizadas de modo online na Escola Superior de Artes Célia Helena. Em seu texto, Luaa Gabanini encontra impulsos políticos e poéticos em Hakim Bey e Carlos Drummond de Andrade, autores que funcionam como imunizadores das perdas

que o momento presente tem gerado. Alexandre Falcão de Araújo e Eduardo Tessari Coutinho, em **Na (quase) Roda Virtual: Estratégias (parciais) de Adaptação de Disciplinas de Teatro de Rua para a Modalidade Ensino Remoto**, Alexandre Falcão de Araújo e Eduardo Tessari Coutinho encontram nas aulas remotas sobre teatro de rua, nas disciplinas compartilhadas entre o IA-Unesp e a ECA-USP (intituladas Práticas de Rua e Laboratório de História de Práticas de Teatro de Rua), formas de trazer à tona a potência desse modo de fazer teatral e de somar ao debate sobre teatro de rua aspectos da estética dos grupos em atividade, assim como dilemas sociais e políticos pungentes, em torno da representatividade de gênero e étnico-raciais.

Em continuidade, três artigos analisam aulas que trabalharam a produção vocal e as sonoridades e silêncios, assuntos cuja abordagem prática pelos meios digitais disponíveis nos cursos de artes é desafiadora. Em **A Voz em (instabilidade da) Rede**, Liana Ferraz Diniz e Sonia Goussinsky constroem uma abordagem poética sobre os afetos que movem a voz, diante dos impasses apresentados no ciclo da voz, sem a presença em espaço físico compartilhado dos estudantes e pedagogos. No artigo **As Oficinas “Paisagem Sonora – Sons e Silêncios da Quarentena”:** **Relato de Experiência Realizada na Mostra Virtual de Artes do CEFET-MG**, André Leme Pédico, Fabiana de Sousa Cunha Machado e Leandro Pereira de Souza destacam o percurso das oficinas de composição musical e tecnologia por eles ministradas, e que integraram, ao final do processo formativo, a mostra virtual do CEFET (MG). Nomeadas “Paisagem Sonora - Sons e silêncios da quarentena”, as oficinas voltaram-se para a criação de obras musicais a partir de fontes sonoras oferecidas no espaço de cada participante, transformando a espacialidade restrita do isolamento social em material compositivo de paisagens sonoras, segundo a noção de Raymond Murray Schafer. Por fim, no texto **O Rádio-teatro no Ensino Remoto: um Experimento Artístico-pedagógico**, Eliana Rosa Correia e Gleiziane Pinheiro dos Santos apresentam processo de ensino-aprendizagem nas áreas de interpretação e voz, do curso profissionalizante em teatro do Senac São Paulo, em que a linguagem radiofônica foi empregada a fim de desenvolver ações e recursos vocais a partir de *O Santo e a Porca* (1957),

de Ariano Suassuna. Para além da montagem de um exercício de “linguagem”, a construção de uma novela radiofônica é sugerida pelas autoras como uma forma de transformar em teatro a presente impossibilidade de convívio.

A discussão sobre a experiência docente em artes visuais em tempos de pandemia é o enfoque de Juliana Rossi Gonçalves e Taiza Mara Rauen Moraes, em **Ensino de arte em tempos de pandemia: experiências de ateliê na Escola de Artes Fritz Alt-EAFA**, contornam as dificuldades impostas pela obrigatoriedade de uso da internet para aulas de ateliê em artes visuais, complementando com o método cartográfico a produção das e dos docentes de obras inspiradas nas artistas mulheres Remedios Varo, Yayoi Kusama e Hannah Höch, em diálogo com seus repertórios imagéticos e conceituais.

O artigo **A Fruição estética do espectador teatral em tempos de pandemia: inquietações de uma arte-educadora em estado de atenção**, de autoria de Ohanna Simioni Picolo Pereira, efetua um “giro” no ponto de vista da discussão, considerando as transformações nos procedimentos aplicáveis para aprofundar, no campo da arte educação, a questão da recepção (que inclui apreciação e avaliação) nas manifestações intermediadas pela tela. A autora explora os novos modos coletivos de enunciação e de percepção e as possíveis mudanças na formação do e da estudante espectador(a). Após, **Metodologia(s) da pesquisa em tempos de COVID-19 e ensino à distância: experiências, reflexões, provocações**, de Levi Fernando Lopes Vieira Pinto, ao tratar da pesquisa científica em artes cênicas como cura das inquietações discentes diante da pandemia e do distanciamento social, indica um entrelaçamento sensível entre teoria e pedagogia do teatro, pautado na transgressão dos paradigmas que ditam a distância entre o “eu” e o “objeto de pesquisa”, assim como entre os e as camaradas que integraram seu curso em Metodologia da Pesquisa.

No **Ensaio visual**, a artista Flora Assumpção produz naturezas artificiais, compostas por paisagens e seres (vivos?) congelados e enquadrados em caixas e ambientes da casa. Seu trabalho evoca a separação entre o humano e natureza

e a tentativa contínua de controlá-la, num desejo de recriação do mundo que resvala no fabuloso e no insólito: os objetos e instalações da artista sobrevivem entre a captura da potência da natureza como cativa e a emergência de um novo tipo de “natural”, projetado pela tecnologia e regido por seus processos.

Encerrando o Dossiê, a tradução do monólogo em processo de Paolo Pappa, *Vírus Breve* (ou *Diário de um vírus*) - em italiano, **Un'inquieta coroncina** - , dá voz a esse pequeno organismo que vem alterando de maneira radical nossos dias desde o início da pandemia. Tão apegado aos seus anfitriões, mas ainda assim mordaz, o vírus comenta seu ponto de vista sobre as esperanças humanas de dias melhores por vir. O fragmento de dramaturgia, inédito, tem tradução de Ivanildo Piccoli.

Completando esta edição da Revista Rebento, dois artigos remontam à prática cênica em tempo pré-pandemia. O artigo **Os Números de “Palhaçadas” do Palhaço Bimbolinho no Circo Bismarck**, de Eliene Benício Amâncio Costa e Alda Fátima de Souza, registra por meio de entrevista a comicidade circense, em seis números de palhaçada tradicional do artista do Circo Bismarck, Cleber Laborda, o Palhaço Bimbolino. Hoje atuante no Circo Mundo Mágico, Cleber Laborda descreve “entradas” e “reprises” de seu repertório, acrescentando às cenas transcritas comentários do artista sobre atingir o melhor resultado com os recursos cômicos da situação, da linguagem e da fisicalidade. O registro, além de contribuir com a memória do circo brasileiro, abre espaço para a experimentação de seus saberes no espaço pedagógico. O último texto deste volume, **Improvisação e Criação em Dança: percursos e desvios com as crianças**, de Ana Carolina de Medeiros e Carolina Romano de Andrade, também enfoca a ludicidade, agora em oficinas ministradas pelas autoras no Colégio São Domingos, no Projeto USINA, aplicando a improvisação e a educação somática para a vivência com dança pelas crianças do colégio. Voltadas para estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, as atividades de improvisação descritas no artigo elegem o espaço, a gravidade, a organização corporal e os fundamentos da dança para embasar jogos e outras explorações do movimento expressivo. Em pé de

igualdade com as estruturas de trabalho previamente organizadas, as aberturas ao acaso e à recriação contínua das propostas são indicadas como fatores centrais para o melhor processo.

Em ambos os textos, destacamos o prazer e a alegria não como assuntos periféricos, mas como centro gerador da pesquisa em artes cênicas. Numa sinergia singular com o Dossiê, embora tenham sido apresentados à *Rebento* em fluxo contínuo, os dois artigos servem também como inspiração e estímulo para o próximo momento, em que projetamos o retorno ao encontro nas artes da cena.

A presente edição destaca o empenho de docentes e discentes para se adaptarem aos novos meios de comunicação, dispositivos e estratégias didáticas no ensino das artes em meio a uma realidade adversa nunca antes enfrentada. Neste sentido, a revista apresenta um importante panorama de procedimentos realizados em diferentes linguagens e realidades de ensino, friccionando os conhecimentos adquiridos e as perdas inevitáveis que a ausência de contato ocasionaram para o ensino das artes. A leitura das reflexões e relatos aqui presentes pode auxiliar no enfrentamento dos tempos de crise que vivemos e, assim almejamos, trazer novas possibilidades a serem multiplicadas em um futuro próximo, com perspectivas mais promissoras.

A metáfora “de mãos dadas, mesmo à distância”, e as múltiplas vozes que relatam vivências e experiências, discutem também se a incorporação de algumas práticas consideradas alternativas tornariam mais efetivas as relações de ensino-aprendizagem no âmbito presencial. Para o campo das artes, ainda que em disputa, vários procedimentos dão conta de inúmeras fissuras, que anunciam também rupturas. Os “sim e não” do ensino, remoto ou presentificado, evidenciam movimentos no sentido de alterar o “estado de coisas” atual - agravado com a pandemia -, e reforçam a pertinência do ensino, pesquisa e experimentação em artes nesse processo. E o conteúdo desta edição provoca para o postulado por Boaventura de Sousa Santos, ao defender a ecologia de saberes e relativizar a

dicotomia ensino-aprendizagem, para a busca das coaprendizagens. Algo que as artes tão bem conhecem, e que poderá impregnar a área pedagógica de poéticas transformadoras.

Alexandre Mate, Lúcia Romano, Simone Carleto e Vinícius Torres Machado

Editoria - *Rebento* no. 13